

O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 9241 | Salvador, segunda-feira, 19.01.2026

Presidente em exercício Elder Perez



SISTEMA FINANCEIRO

**Janeiro Branco e
a saúde mental
dos bancários**

Página 2

Só o lucro vale, dane-se o Brasil

A irresponsabilidade social do sistema financeiro atinge um nível que exige providência firme do Estado brasileiro, pois

os bancos operam por concessão pública. A política de fechamento de agências tem se mostrado extremamente nociva ao Brasil e aos brasileiros. Entre 2016 e 2025, somente na Bahia foram fechadas 339 unidades bancárias: sofrimento para os clientes, especialmente no interior, e desemprego em massa. Página 3



**Os ricos são
os maiores
devastadores**

Página 4

Situação dos bancários é preocupante

Janeiro Branco serve de alerta à categoria. Os bancos adoecem

ITANA OLIVEIRA
imprensa@bancariosbahia.org.br

A SAÚDE mental da categoria está há muito tempo em estado de alerta. Os números mostram que a situação é grave. Assim, o Janeiro Branco, dedicado à conscientização do cuidado emocional, deixa de ser uma campanha simbólica e se torna um problema preocupante.

O desmonte acelerado de agências tem ampliado a sobrecarga sobre quem permanece nas unidades. A redução de estruturas físicas leva à superlotação, aumento do fluxo de atendimento e intensificação das cobranças, criando um ambiente de trabalho adoecedor.

Os impactos aparecem de forma clara. Segundo o SmartLab (Observatório de Segurança e

Saúde no Trabalho), entre 2014 e 2024 o crescimento dos afastamentos por transtornos mentais foi de 168%. Os dados se complementam, pois, de acordo com o Dieese, em 2024 as doenças mentais e comportamentais responderam por 55,9% dos afastamentos acidentários e por 51,8% dos afastamentos previdenciários entre os bancários.

Os dados revelam um ambiente marcado por pressão constante e perda de sentido no trabalho. Mais da metade dos empregados (55%) relata se sentir pressionado a vender produtos desnecessários para os clientes. Para 41%, a ameaça de descomissionamento é permanente, enquanto 28% afirmam não enxergar propósito em suas atividades diárias.

Um em cada três bancários (32%) recorre a medicamentos por motivos relacionados ao trabalho. Nos últimos 12 meses, 37% relataram problemas de saúde mental.

Sistema financeiro, um foco de doenças

OS BANCÁRIOS figuram no topo da lista das categorias mais atingidas pela síndrome de burnout. O sistema financeiro adoece. Metas abusivas, cobranças diárias, vigilância permanente, ameaça de demissão e assédio moral fazem parte da rotina.

Os bancos registraram crescimento de 168% no número de afastamentos por transtornos mentais em 10 anos, passando de 5.411 em 2014 para 14.525 em 2024. Alarmante.

A digitalização dos serviços bancários, longe de aliviar a sobrecarga de trabalho, intensifica a pressão. Menos funcionários e autonomia, mais tarefas e controle. O resultado é um ambiente que produz adoecimento em série.

Por trás dos números, estão histórias de trabalhadores que resistiram até o limite, muitas vezes empurrados por metas inalcançáveis, assédio e jornadas que invadem a vida pessoal.



Reduzir o tempo de espera, maior objetivo da fila única nacional do INSS

INSS cria fila nacional

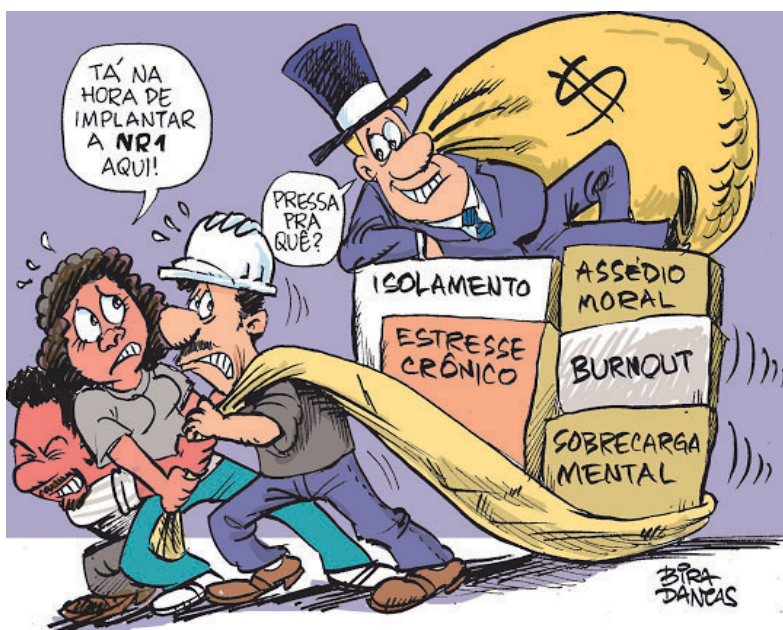
MAIS uma conquista do projeto de democracia social. O INSS (Instituto Nacional de Seguro Social) passou a adotar fila única nacional para análise de benefícios previdenciários, com o objetivo de reduzir o tempo de espera para aposentadorias, pensões e auxílios.

Com a mudança, pedidos de todo o país passam a ser analisados de forma integrada, permitindo maior agilidade e equilíbrio no atendimento.

A iniciativa faz parte do con-

junto de ações do governo Lula, que tem retomado políticas sociais voltadas ao fortalecimento do serviço público e à garantia de direitos.

A medida possibilita que servidores de regiões com menor demanda ajudem na análise em processos de estados onde a fila é maior, priorizando requerimentos mais antigos e benefícios com maior volume de solicitações como o BPC (Benefício de Prestação Continuada) e os auxílios por incapacidade.



Um desrespeito à sociedade

Bancos fecharam 339 agências na Bahia em menos de 10 anos

CAIO RIBEIRO
imprensa@bancariosbahia.org.br



Política de fechamento de agências prejudica a sociedade e gera demissão

A BAHIA vem sofrendo um processo contínuo na redução da rede de agências bancárias. Dados do Sindicato da Bahia mostram que, de 2016 a novembro de 2025, o número de unidades caiu de 1.095 para 756, uma redução de 339 agências, quase um terço da

rede estadual. Um absurdo.

A retração inclui todas as

grandes instituições e tem se

intensificado nos últimos anos.

Só entre outubro de 2023 e julho de 2025, o Bradesco fechou 45 agências e abriu apenas duas, resultando em um saldo negativo de 43 unidades no período.

O encerramento de agências tem impacto direto na população e no emprego bancário. Cerca de 756 mil baianos foram afetados pela falta de atendimento presencial e municípios perderam sua única agência. O Sindicato também observa queda no número de trabalhadores no Estado, em decorrência da reestruturação das instituições financeiras.

Diversidade e segurança no Santander no dia 28

CONHECER a realidade da categoria, a fim de que seja possível fortalecer a atuação para reduzir as desigualdades enfrentadas por mulheres, jovens e trabalhadores com deficiência, por exemplo.

É com este objetivo que a COE (Comissão de Organização dos Empregados) debate diversidade com a direção do Santander, uma das pautas da negociação marcada para o dia 28 de janeiro.

A reunião, por vide-

oconferência, também vai tratar de segurança. Assunto importante e que merece atenção e ação por parte do banco. O movimento sindical denuncia há tempo que o Santander tem transformado agências em lojas, sem vigilantes nem porta giratória. Ou seja, bancários e clientes à mercê dos criminosos.

No dia 27, véspera do encontro com o banco, a COE se reúne para preparar a pauta.



Por mudanças no Super Caixa

EMPREGADOS da Caixa estão convocados a participar de uma mobilização nacional por mudanças no programa de premiação Super Caixa. A iniciativa, organizada pela Fenae (Federação Nacional das Associações de Pessoal da Caixa), Contraf-CUT (Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro) e pelas Apcefs (Associação de Pessoal da Caixa), integra a campanha "Vendeu/Recebeu" e tem como principal instrumento um abaixo-assinado que reivindica alterações no atual modelo do programa.

O objetivo da ação é corrigir distorções apontadas pelos trabalhadores, especialmente situações em que as metas são cumpridas, mas não resultam em premiação por conta de regras consideradas injustas ou pou-

co transparentes. O modelo atual tem geral insatisfação e a avaliação das entidades representativas é de que o programa precisa valorizar de forma efetiva o esforço individual e coletivo dos empregados.

Segundo a Fenae, a participação dos trabalhadores é fundamental para fortalecer a pressão sobre a direção do banco e demonstrar a necessidade de um sistema mais justo, que reconheça o desempenho e não penalize equipes e empregados por critérios que fogem ao controle de quem está na ponta.

A mobilização busca abrir o diálogo com a gestão da Caixa para a construção de um modelo mais equilibrado, transparente e que respeite quem contribui diariamente para os resultados do banco.



Os mais ricos são os piores

Espírito destrutivo do capital agrava a crise climática

ITANA OLIVEIRA
imprensa@bancariosbahia.org.br

NO BRASIL, as elites são responsáveis pela maior parte da crise climática. Estudo do centro de pesquisas Made, da USP (Universidade de São Paulo), revela que a desigualdade no país permite que a minoria rica destrua o meio ambiente, enquanto a maioria pobre paga o preço.

Os dados mostram que, entre 2017 e 2018, os 10% mais ricos foram responsáveis por 72% de todas as emissões de gases do efeito estufa ligadas à aviação no país, o que equivale a 167,8 mil toneladas

de CO₂ do total de 232,7 mil toneladas emitidas no Brasil.

No sentido oposto, os 50% mais pobres não chegam a somar 10% do total. Menos de 1% dos entrevistados de baixa renda declarou ter viajado de avião. Cerca de 2,3 milhões de pessoas entre os 10% mais ricos viajaram de avião, enquanto nos 90% restantes da população, o número foi de 1,7 milhão.

O gasto mensal dos 5% mais ricos com a aviação é 39,7% superior ao de todo o restante da população somada. Em uma perspectiva mais ampla, o 1% mais rico do Brasil contribui 7 vezes mais para a crise climática do que os 10% mais pobres. Globalmente, o 1% mais rico é responsável por mais de 40% das emissões de gases-estufa.

A COP30 estimou que a taxa de jatinhos e transporte marítimo poderia arrecadar entre US\$ 4 bilhões e US\$ 223 bilhões anuais para o financiamento climático.

Os dados reafirmam o poder destrutivo do sistema capitalista, que além de impactar massivamente o meio ambiente, ainda segrega parte da população através do poder monetário.



SAQUE

Rogaciano Medeiros

SESSÃO DESCARREGO O bilionário escândalo do Banco Master, envolvendo pastores famosos, as descobertas, pela CPMI do INSS, do envolvimento de igrejas evangélicas em diversas atividades criminosas, além das denúncias da pastora e senadora Damares Alves (PR-DF), confirmam a necessidade de uma investigação mais apurada no segmento neopentecostal. Exige uma sessão de descarrego.

BEM ACOMODADO Como esperado, os bolsonaristas estão reclamando porque o ex-presidente foi transferido da PF para a Papudinha, que oferece excelentes acomodações para um golpista. Se o STF fosse seguir o que Bolsonaro sempre pregou para os presidiários - negação dos mais elementares direitos humanos -, o teria mandado para a Papuda, onde os presos amargam situação degradante. É o mimimi da extrema direita.

PAIXÃO CHINESA O artigo do colunista Ivan Krastev, do jornal britânico *Financial Times*, de que "Trump pode ter sacudido o planeta, mas o mundo está se apaixonando pela China", vem se somar às seguidas advertências do economista estadunidense Jeffrey Sachs, para quem "até os reis tinham mais controle do que Trump". Ele vê os EUA em franco declínio geopolítico e democrático. Está com todo razão.

RESPALDO GLOBAL A pesquisa da *Global Times* com 51.689 entrevistados em 46 países, segundo a qual a imagem positiva da China no mundo ultrapassou a dos EUA, é mais um fato a confirmar o ocaso do império e a transferência do poder central geopolítico do Ocidente para o Oriente. Enquanto os chineses respeitam e procuram ajudar, os norte-americanos agredem, saqueiam e matam. Não tem comparação.

BRICS LIBERTA O mesmo avanço tecnológico usado para dominação e poder, também ajuda a acelerar mudanças globais significativas, estimula os valores de soberania dos estados-nações, apura a percepção das pessoas. Basilares para o Brics+, o multilateralismo e a autodeterminação dos povos têm atraído cada vez mais países que lutam para se livrar do jugo predador, etnocêntrico e violento dos EUA.



Saúde e clima pedem atenção

UM DADO que chama atenção e exige ações emergenciais. do poder público. No Brasil, aproximadamente 29% dos estabelecimentos de saúde, 26% dos leitos e 20% dos leitos de UTI estão localizados a até 500 metros de áreas de risco de desastre climático.

A pesquisa Ieps (Instituto de Estudos para Políticas de Saúde) revela que o índice é ainda maior, de 35,58%, quando se trata das unidades vinculadas ao SUS (Sistema Único de Saúde). São levados em consi-

deração pronto-atendimento de urgência, hospitais e UBSs (Unidades Básicas de Saúde).

O estudo localizou 78.404 unidades em 1.800 municípios mapeados pelo SGB (Serviço Geológico do Brasil). Do total, 22.577 estão próximas a risco (até 500 metros), enquanto 2.039 estabelecimentos (2,6%) estão dentro das áreas de risco,

comprometendo a capacidade de resposta imediata dos serviços de saúde em momentos de emergência climática.

O SUS atende, majoritariamente, populações vulneráveis,

que, em geral, residem em áreas mais propensas a desastres naturais, como deslizamento de solo, inundações, alagamentos e enxurradas e erosão fluvial, marinha e de encosta.

Outra constatação da pesquisa é que há maior concentração de crianças e adolescentes (0 a 14 anos) em áreas de risco de desastre. Uma constatação que preocupa, uma vez que situações de crise climática podem impactar o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional desta parcela da população.

